

O FIM DA SAÚDE SUPLEMENTAR. SERÁ?

The end of supplementary healthcare. It will be?

AUTORES

Arildo Ramos¹

¹ Arildo Ramos Consultoria e Instituto Metodista Bennett

CONTATO

Arildo Ramos

contato@arildoramos.com

Santo Antônio De Pádua, Rio De Janeiro, Brasil.

O problema da saúde suplementar não é apenas a atual turbulência que o setor atravessa, mas principalmente as mensagens com tom sensacionalista de alguns interessados com pouco ou nenhum conhecimento sólido que justifique o tão alardeado desastre total. Essas mensagens alarmistas frequentemente exageram os desafios enfrentados pelas operadoras de saúde, criando uma percepção equivocada entre os consumidores e investidores. É importante destacar que a análise fundamentada e baseada em dados reais divulgada pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) mostra um panorama menos catastrófico do que o pintado pelos detratores.

Que o setor passa por dificuldades, todos sabemos. Mas, quem é conhecedor do sistema não esperava este momento pós-pandemia? Ninguém esperava que tudo voltasse ao normal rapidamente, mas sim lentamente ao que chamamos de novo normal. A pandemia trouxe à tona questões já existentes no sistema de saúde suplementar, como a necessidade de otimização dos recursos e inovação. No entanto, a recuperação está em curso, e muitos indicadores econômicos e de saúde apontam para uma estabilização gradual.

Atuar com foco em prevenção, mudar o modelo de pagamento, fraudes, OPME, custos, judicialização, rol de procedimentos, sinistralidade já são discutidos há décadas e ninguém gritava nas redes sociais porque os resultados atendiam às expectativas. Atualmente, todos esses temas corriqueiros e rotineiros do setor são tratados como responsáveis pelo fim do mundo. Na verdade, essas questões, quando abordadas de maneira estruturada e estratégica, representam oportunidades de melhoria e inovação para as operadoras de saúde. A judicialização, por exemplo, pode ser mitigada com uma

comunicação mais transparente e eficiente entre operadoras, pacientes e profissionais de saúde.

Mas, a quem interessa realmente a manutenção deste cenário de horror? Quem pode realmente e financeiramente se beneficiar com tudo o que temos lido sobre o fim do mundo para as operadoras de saúde? Interessante notar que, em muitos casos, o alarde serve aos interesses de grupos que buscam ganhos financeiros rápidos, seja por meio da venda de soluções supostamente milagrosas ou da especulação no mercado financeiro. A criação de um clima de pânico pode favorecer também a entrada de novos players no mercado, que aproveitam a desvalorização temporária das empresas estabelecidas.

Na verdade, existem muitos interessados, seja em likes, em vender serviços milagrosos que supostamente irão resolver todos os problemas do setor, aqueles que já pensam em aumentar os seus tentáculos sem chamar a atenção, e muitos outros. Além disso, a mídia e os influenciadores digitais encontram um terreno fértil para aumentar seu alcance e influência ao propagar notícias alarmistas. A desinformação, nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para moldar a opinião pública e influenciar decisões políticas e econômicas.

Concordo e atuo firmemente no sentido de que é a hora de rever toda a estrutura para nos adaptarmos ao novo normal no mercado de saúde suplementar (gestão, informação, prevenção, inovação, formação, visão de longo prazo), mas essa é uma prática comum em todos os segmentos que precisam se reinventar para se manterem ativos, rentáveis e lucrativos. Esta necessidade não é uma exclusividade do setor de saúde. Empresas em diversos setores precisam continuamente inovar e adaptar suas estratégias para sobreviver e prosperar em um ambiente de constantes mudanças. No setor de saúde suplementar, isso significa investir em tecnologias de telemedicina, sistemas integrados de informação e modelos de pagamento baseados em valor, que priorizam a qualidade e a eficiência dos serviços prestados.

Os dados publicados pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) para o 4º trimestre de 2023 já apontam para novos horizontes e cenários. Embora ainda negativo, o resultado operacional começou a subir e vem mostrando essa tendência nos quatro últimos trimestres, como mostra a Figura 1. Para muitos, não será fácil, mas para a grande maioria é perfeitamente possível fechar 2024 respirando sem a ajuda de aparelhos. Esses dados indicam uma recuperação gradual, com aumento na adesão a planos de saúde e melhorias nos indicadores de saúde dos beneficiários. A ANS também tem implementado

medidas regulatórias que visam aumentar a transparência e a eficiência no setor, o que deve contribuir para a sustentabilidade a longo prazo.

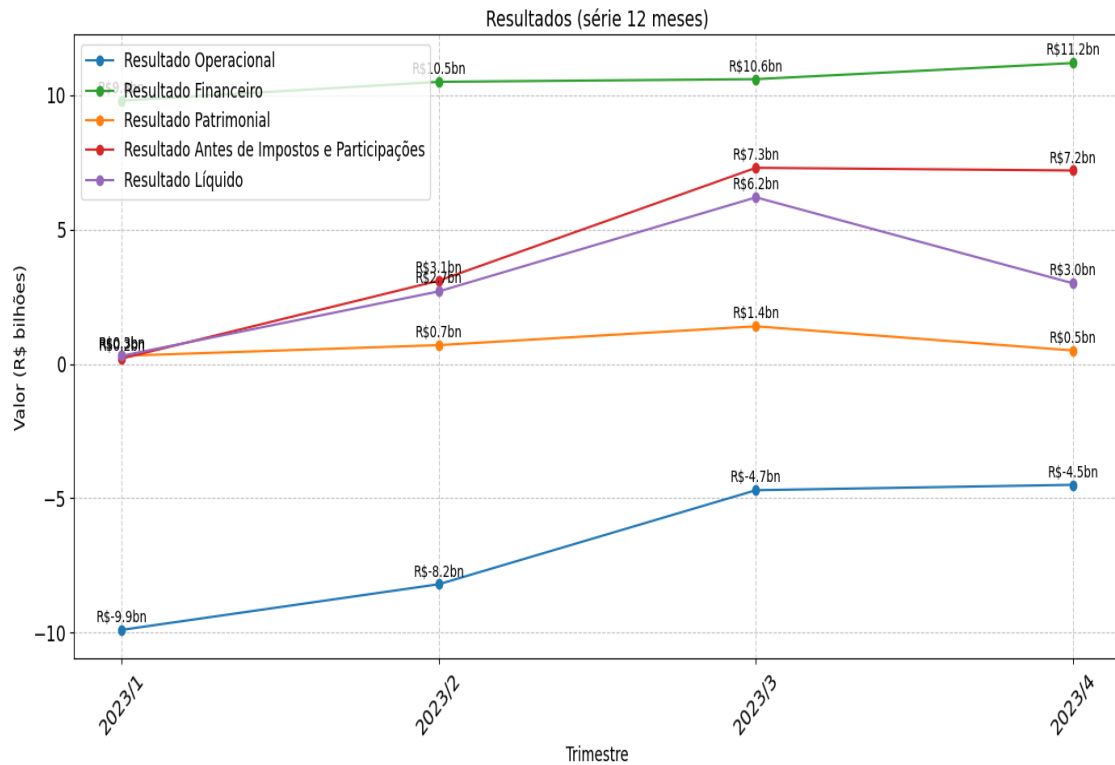


Figura 1. Resultado das operadoras de planos de saúde, por trimestre, no último ano.

Fonte: dados extraídos do site da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em maio de 2024.

Portanto, não se iluda ou entre em depressão pelas notícias do fim do mundo na saúde suplementar, porque não vai acontecer. Algumas podem fechar, demitir, vender seus ativos, mas este é um movimento normal do mercado. As operadoras de saúde suplementar, como qualquer outra empresa, estão sujeitas às dinâmicas de mercado, que incluem ciclos de crescimento e retração. Aquelas que se adaptarem às novas demandas e investirem em inovação estarão bem posicionadas para prosperar no novo normal. O cenário pode parecer desafiador, mas com uma gestão estratégica e foco em qualidade, a saúde suplementar continuará a ser uma parte essencial do sistema de saúde brasileiro.

Nota: Artigos de opinião refletem a opinião do pesquisador e não necessariamente a opinião do Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS) bem como da Revista Brasileira de Saúde Suplementar (RBSS).